

LICÃO 12 – AS DORES DO ABANDONO

Subsídio elaborado por Inacio de
Carvalho Neto. E-mail do
autor: inaciocarvalho@inaciocarvalho.com.br.

Comentários iniciais:

1) Introdução:

- Estamos estudando neste trimestre a respeito das aflições do justo, uma série de lições que tentam explicar o porquê passamos por aflições.
- Na lição introdutória, verificamos que as aflições são inevitáveis na vida do crente enquanto estiver neste mundo.
- Nas lições seguintes, analisamos diferentes situações aflitivas. Num primeiro bloco, tratamos de dramas biológicos: a enfermidade (lição 2) e a morte (lição 3). No segundo bloco, tratamos dos dramas sociais: os traumas da violência social (lição 4), as aflições da viuvez (lição 5) e a carência econômica (lição 6). No terceiro bloco, estudamos os dramas familiares: a divisão espiritual do lar (lição 7) e a rebeldia dos filhos (lição 8). No quarto bloco, vimos os dramas materiais: a angústia das dívidas (lição 9) e a perda dos bens terrenos (lição 10).
- Neste quinto bloco, estamos estudando os dramas de relacionamento: a inveja (lição 11) e as dores do abandono (lição 12). Por fim, estudaremos a respeito das condições necessárias para a vitória sobre as aflições, ocasião em que aprenderemos sobre a verdadeira motivação do crente (lição 13) e sobre a vida plena nas aflições (lição 14).
- Nesta lição, portanto, estudaremos os efeitos que o abandono ocasiona na vida do servo de Deus. O homem foi feito para viver em sociedade (Gn. 2.18). Por isso, quando se sente só, o homem experimenta uma sensação ruim.

2) Conceito de abandono:

- Abandono é “ato ou efeito de deixar, de largar, de sair sem a intenção de voltar; partida, afastamento; falta de amparo ou de assistência; desarrimo”. É palavra de origem francesa, da expressão provençal “à ban donner”, cujo significado era “deixar ir para o exílio”, “dar um sinal, proclamar, pronunciar uma condenação ao exílio; banir”.
- No Antigo Testamento, na maior parte das vezes, a palavra “abandonar” é tradução, na Versão Almeida Revista e Corrigida (ARC), da palavra hebraica “azab”, cujo significado é o de “deixar só, desamparar”. Em Jr. 12.7, além de “azab”, temos a palavra “natash”, que tem também o significado de “deixar, abandonar”. Em Jr. 51.5, a palavra traduzida por “abandonar” é “alman”, cujo sentido é “deixar como viúva, desamparar como a uma viúva”.
- No Novo Testamento, a palavra “abandonar” é, na ARC, tradução da palavra grega “paradidomi”, cujo significado é o de “deixar aos cuidados de outrem”, “entregar às mãos de alguém”.

- Notamos, portanto, que a ideia de abandono está vinculada a afastamento de relacionamento, cessação de convivência, negação de ajuda e de amparo, isolamento. Sempre que dizemos que há abandono, há um ato voluntário de afastamento de alguém em relação ao próximo, há uma atitude de rompimento de relacionamento.

- É justamente nos momentos de angústia e aflição que o ser humano sente-se esquecido por todos, inclusive pelos mais chegados. O nosso consolo é saber que Deus não nos deixa só. Ainda que uma mãe abandone seu filho, Deus não nos abandona (Is. 49.15). O Senhor nos enviou o Espírito Santo justamente para nos consolar e nos guiar em todas as coisas (Jo. 14.16).

3) Abandono familiar:

- A família é o grupo que mais deve afeição e cuidado entre si. Infelizmente nem sempre é assim que ocorre. É comum vermos famílias desestruturadas que não cuidam dos seus próprios integrantes, não lhes suprindo as carências físicas e emocionais. Paulo já havia dito que “se alguém não tem cuidado dos seus e principalmente dos da sua família, negou a fé e é pior do que o infiel” (1Tm. 5.8).

- O apoio da família pode mudar totalmente a condição de abandono de uma pessoa, como ocorreu com Davi, que estava abandonado na caverna de Adulão, sem ter quem o ajudasse (Sl. 142.4), mas, ao receber a visita de seus familiares (1Sm. 22.1), animou-se e passou a ser o consolador de todo homem que se achava em aperto, endividado e de espírito desgostoso, fazendo-se chefe deles (1Sm. 22.2).

- O abandono pela família é, sem dúvida, o mais dolorido, pois é da família que esperamos mais afeto e compreensão. O cristão não pode abandonar sua família em hipótese alguma, a não ser, obviamente, quando deixa o lar de seus pais para se casar, formando uma nova família (Gn. 2.24), o que não significa, naturalmente, que deixará seus pais necessitados em situação de desamparo.

- Em muitos lares, na atualidade, há uma situação de completo abandono familiar, embora todos estejam a residir sob o mesmo teto. Isso porque nem sequer há comunicação ou diálogo entre cônjuges ou entre pais e filhos, gerando inúmeros casos de infidelidade conjugal e de “adoções” dos filhos por estranhos de má índole.

- Nossa lição fala em especial de três situações de abandono na família:

- 1) Na doença: conforme estudamos na lição 2, o crente não está imune às doenças. Nessas horas, todos precisamos de ajuda das pessoas que nos cercam. Infelizmente, há famílias que, justamente nesses momentos mais necessários, abandonam o doente à própria sorte, demonstrando não possuir ainda o verdadeiro amor cristão. É muito comum ocorrer isso entre cônjuges. Infelizmente, até a nossa lei prevê a possibilidade de separação por doença de um dos cônjuges (art. 1.572, § 2º., do Código Civil).

- 2) No vício: muitas pessoas, especialmente adolescentes, procuram nas drogas e no álcool uma forma de suprir suas carências afetivas ou de ser aceito em um determinado grupo social. A pessoa viciada perde a noção de certo e errado e, para satisfazer o vício, é capaz de roubar e até matar. Alguns chegam até o suicídio, por se sentirem sozinhos e abandonados pelos amigos. Lidar com viciado não é fácil, mas é nessa hora que a família precisa fazer-se presente e estar unida para ajudá-lo a livrar-se das drogas. Se necessário for, até mesmo a internação do toxicômano para tratamento da dependência pode ser um bom meio de solução do problema, o que não representará, por si só, um abandono, mas é imperiosa a presença dos familiares, nas visitas e no acompanhamento do tratamento.

- 3) Na idade avançada: a chamada terceira idade, também conhecida como “melhor idade”, é talvez o momento em que as pessoas mais precisam de assistência dos seus familiares, em razão do esvanecimento

das forças, com as consequentes doenças. Em nossa sociedade, muitas vezes, os idosos são desprezados; algumas famílias chegam a desampará-los por completo, colocando-os em casas de repouso ou asilos, sem nenhuma assistência familiar.

- A Bíblia relata que os mais velhos devem ser respeitados e ouvidos pelos mais novos (Js. 23.1-2; Lm. 5.12,14; Lv. 19.12; Ex. 20.12). O mandamento do Senhor de honrar o pai e a mãe continua válido para os dias atuais (Ef. 6.1-3). Jesus, inclusive, criticou a tradição judaica que invalidava esse mandamento (Mt. 15.3-6). Até mesmo a Constituição Federal brasileira determina que os pais têm direito de ser assistidos por seus filhos na velhice, carência e enfermidade (art. 229).

- Afora estas três situações citadas na lição, convém mencionar ainda duas outras, bastante significativas e comuns em nossos dias: o abandono conjugal e o encarceramento. Nestes dias atuais, tão complicados para as famílias, com a completa liberalização dos costumes, muitas pessoas têm sofrido gravemente em razão do abandono de seus cônjuges, motivados, entre outros, pela facilitação do divórcio (facilitação esta consagrada sobretudo com a Emenda Constitucional nº. 66/2010, que suprimiu a exigência de qualquer prazo de separação para a concessão do divórcio).

- A Bíblia é severa na condenação ao divórcio em diversos textos (Gn. 2.24; Mt. 19.6). Paulo, inclusive, prevê uma hipótese de divórcio especial para o caso de o cônjuge convertido ser abandonado pelo não convertido, o chamado “privilegio paulino” (1Co. 7.11-17). Urge que os cristãos atentem para respeitar o santo laço do casamento e o leito sem mácula (Hb. 13.4). Urge também que a igreja esteja pronta para lidar com a situação de seus membros que foram abandonados por seus cônjuges, sem discriminá-los, mas acolhendo-os e cuidando de suas feridas emocionais.

- Embora nossa lei civil permita o divórcio livremente, sem qualquer exigência; e, antes mesmo da citada Emenda Constitucional nº. 66/2010, desde a Lei do Divórcio, em 1977, já permitia a separação motivada pela doença mental de um dos cônjuges (Lei nº. 6.515/77, art. 5º., § 2º.; Código Civil, art. 1.572, § 2º.), tal permissão é contrária aos básicos deveres do casamento e, sobretudo, aos princípios bíblicos estabelecidos para a família, não devendo ser acatada pelos cristãos.

- Quanto aos que se envolveram com a criminalidade e foram encarcerados, a Bíblia diz que devemos nos lembrar dos que estão presos como se estivéssemos presos com eles (Hb. 13.3). A solidão no cárcere é terrível, como exemplifica Paulo em suas cartas da prisão (Fp. 2.27; 2Tm. 1.15; 4.10, 11 e 16). Assim, não podemos abandonar os nossos familiares, mesmo quando estão presos.

4) Abandono em situações difíceis:

- Nossa lição relata três situações difíceis pelas quais podemos sofrer as consequências do abandono na nossa vida:

- No desemprego: normalmente, nesse momento, a situação financeira se complica e o padrão de vida sofre drástica queda. É nessas horas que conhecemos realmente nossos verdadeiros amigos. Até os familiares desaparecem, pois temem que possam ter que emprestar-nos dinheiro e ouvir-nos as lamúrias. Relacionamentos interesseiros são uma realidade que já era reconhecida por Paulo (Fp. 2.21). Quando uma pessoa entra em dificuldade, os “amigos” desaparecem, porque não podem mais tirar vantagem daquele com quem se relacionavam e até podem sofrer alguma desvantagem. Foi o que ocorreu com Jó, que foi abandonado até por sua esposa, e seus “amigos” só serviram para acusá-lo. A Bíblia nos ensina a amar o nosso próximo e ajudá-lo em momentos de necessidade (Lc. 10.25-37). Devemos seguir o conselho de Jó ao lidar com amigos em situações de dificuldade, fortalecendo-os e consolando-os (Jó 16.5-6).

- Na amizade traída: todos sonhamos com uma amizade verdadeira, sincera, desinteressada e verdadeiramente cristã, como a de Davi e Jônatas (1Sm. 18.1), ou a de Rute e Noemi (Rt. 1.8-18). Mas é frequente as pessoas serem traídas por aqueles que pareciam grandes amigos. Até Paulo sentiu a dor do abandono de seus amigos mais chegados (2Tm. 4.16). A Bíblia nos adverte a não abandonar o amigo (Pv. 27.10). Devemos ser fieis, leais e amorosos (Pv. 17.17).

- Da igreja: a igreja é o lugar onde o abandonado e solitário deveria encontrar amigos e irmãos (Mc. 10.29-30). Infelizmente, há igrejas que se esquecem de seus membros, não os visitam, não oram por eles e não lhes tratam as feridas. Até mesmo os missionários muitas vezes estão abandonados pelas igrejas que os enviaram, passando por diversas necessidades. Jesus disse que os falsos cristãos seriam caracterizados justamente pelo desamor e desprezo em relação aos desvalidos (Mt. 25.31-46).

- É hora de acordarmos para este problema; a igreja precisa tratar as carências dos seus membros. Somos um só corpo (1Co. 12.12); se um membro padece, todo o corpo padece (1Co. 12.26-27). Devemos cuidar e zelar uns dos outros, para que a igreja de Cristo desfrute perfeita saúde. Deus deseja que Seus filhos vivam em comunhão uns com os outros (Sl. 133) e que os desvalidos, desfavorecidos e vitimados pela vida encontrem apoio, atenção e ajuda em Sua casa (Tg. 1.27). Convém lembrar que Deus usa os crentes para consolar outros crentes, como fez com Tito em relação a Paulo (2Co. 7.6). Temos de ter o mesmo sentimento de Deus, pois passamos a participar de Sua natureza por força da salvação em Cristo (2Pe. 1.4) e, portanto, não podemos tomar a iniciativa de desamparar as pessoas.

- Afora as três hipóteses referidas na lição, há ainda o abandono que resulta da fidelidade do crente a Deus, quando ele passa a ser rejeitado pelo simples fato de adotar um estilo de vida e um discurso que se choca frontalmente com a mentalidade reinante neste mundo. Jesus previu que seria assim (Jo. 15.18-21). Jesus, inclusive, disse que as pessoas que deixaram parentes para servi-Lo ganhariam em troca, já neste tempo, novos parentes (Mc. 10.29-30). Neste caso, mais ainda se justifica que a igreja cuida desse irmão que enfrenta problemas.

- Em alguns países fechados para a pregação do Evangelho, a situação é ainda mais difícil, sendo muitas vezes o cristão condenado à prisão e até à morte. Só nos 10 primeiros anos deste século XXI, morreram 1.050.000 cristãos no mundo pelo simples fato de professarem a fé cristã. Jesus falou que esses acontecimentos se intensificariam nos últimos dias (Lc. 21.16-17).

- Existem várias razões para um crente sofrer abandonos por causa de sua fé. As principais delas são:

- 1) O Evangelho prega uma salvação exclusivista; Jesus é o único caminho, a verdade e a vida (Jo. 14.6); Jesus não é apresentado nas Escrituras como mais uma alternativa, mas como a única; isso é suficiente para provocar a antipatia da maioria das pessoas, porque crer em Jesus implica admitir que todas as demais religiões estão erradas;

- 2) A Bíblia fala do inferno como algo real, onde serão lançados todos os que rejeitarem Jesus, passando a eternidade em tormentos terríveis; trata-se de uma mensagem antipática, ainda que a preguemos com muito amor no coração pelos perdidos;

- 3) O Evangelho nos diz que somos pecadores (Rm. 3.23), que não somos merecedores de salvação (Rm. 3.20), que nossas boas obras não são mais do que a nossa obrigação, não valendo nada para garantir uma eternidade no céu (Ef. 2.8-9) e que, se quisermos ser salvos, é preciso nos arrependermos dos nossos pecados (Mc. 1.15) e procurarmos viver uma vida santa (Hb. 12.14), de acordo com a Palavra de Deus (Jo. 17.17); em suma, trata-se de uma vida de renúncia (Lc. 9.23-25); portanto, pregar e viver essas verdades fará com que sejamos naturalmente rejeitados pela maioria do mundo, sendo vistos como um incômodo por nossos discursos e estilo de vida.

- Resumindo, o fato de sermos diferentes do mundo nos faz repugnáveis para o mundo, motivo pelo qual o mundo nos abandona. E assim é porque, embora estejamos no mundo, não somos deste mundo (Jo. 15.19).

- Temos ainda outra causa do abandono: o mau comportamento do próprio abandonado, fruto da “lei da ceifa” (Gl. 6.7-8). Muitas vezes, a própria pessoa dá causa ao abandono que está sofrendo. É o que vemos, por exemplo, no caso do rei Zedequias, o último rei de Judá. Cercado de amigos interesseiros, de dura cerviz, apesar dos vários conselhos do profeta Jeremias, Zedequias acabou abandonado por todos quando da invasão de Jerusalém (Jr. 52.8), sem qualquer ajuda. Foi o que ocorreu também com os edomitas, que, por ter guardado inimizade perpétua e abandonado Israel nos momentos de aflição, também foi abandonado por Deus à sua própria sorte, desaparecendo como nação (Ez. 35.3-5). Uma pessoa que, por exemplo, é extremamente cruel com seus filhos na formação deles, será possivelmente abandonada por eles em sua velhice, abandono este que só pode ser creditado ao mau comportamento do próprio abandonado.

- Podemos, ainda, verificar que, muitas vezes, o abandono tem como objetivo tornar-nos consoladores. Por meio da experiência do abandono e da solidão, ao desfrutarmos da presença de Deus, pois o Espírito Santo que está em nós é o Consolador prometido por Cristo e enviado pelo Pai e pelo Filho (Jo. 14.16; Lc. 24.49), somos capacitados a também, no futuro, podermos consolar outros que passam por situações similares. Assim como Davi, que, depois de ter experimentado pessoalmente, na caverna de Adulão, o abandono e a solidão, pôde então consolar e transformar os homens angustiados, endividados e excluídos que a ele foram.

- E, por fim, o abandono pode nos sobrevir para que percebamos a presença do Senhor, a Sua companhia. Em meio à agitação da vida atual, é preciso, por vezes, que o Senhor nos deixe sós para que ouçamos a Sua voz e percebamos a Sua presença. Ele continua a ser o nosso socorro bem presente na hora da angústia (Sl. 46.1), Aquele que disse que estaria conosco até a consumação dos séculos (Mt. 28.20), Aquele que não muda (Ml. 3.6).

5) Como lidar com o abandono:

- Em primeiro lugar, devemos deixar de lado todo tipo de ilusão sobre esta questão. Se até Jesus experimentou abandono, não podemos pensar que estamos imunes a esta circunstância (Jo. 15.18-20). É preciso identificar corretamente a causa do abandono, para tratar dela de forma correta. Não adianta, por exemplo, atribuir o abandono ao fato de ser crente, se ele decorre de uma atitude errada do abandonado.

- Em segundo lugar, devemos viver intensamente a vida como membros do Corpo de Cristo, em comunhão com os nossos irmãos em Cristo (Mc. 10.29-30; 1Co. 12.26-27). Se perdemos até a nossa família por causa da nossa fé, Deus nos dá uma família muito maior. O salmo 68 diz que Ele “faz que o solitário viva em família” (Sl. 68.6).

- Uma outra atitude importante para quem está passando por situação de abandono é perdoar os que nos abandonaram e desprezaram. Perdoar não é algo fácil. Todavia, é preciso para que possamos seguir em frente e sermos vitoriosos. Enquanto estamos guardando mágoas de alguém, não vamos conseguir viver em paz.

- Jó não levou em conta o que disse sua mulher, nem o comportamento de seus amigos. Antes mesmo de ter sido mudado o seu cativo, orou por eles, e justamente enquanto orava, sua situação mudou. Davi, igualmente, não levou em conta o tratamento de indiferença e inveja de seus irmãos no episódio de sua vitória contra Goliath, mas recebeu de bom grado seus familiares quando foram à caverna de Adulão, tendo tido ainda o cuidado de bem protegê-los em Moabe pouco depois. Paulo, embora tenha revelado

sua tristeza pelo desamparo por parte dos irmãos (2Tm. 1.15; 4.10), não revelou mágoa ou rancor. Entregou-os aos cuidados do Senhor, sabendo que a Ele apenas pertence a vingança (Rm. 12.19), e ainda reconheceu o valor de Marcos (que o havia abandonado – At. 13.13; 15.37-39) para o seu ministério (2Tm. 4.11). Jesus, igualmente, mesmo tendo sido abandonado por Seus discípulos, amou-os até o fim (Jo. 13.1), tendo Se apresentado a eles depois da ressurreição sem qualquer mágoa, rancor ou censura. Precisamos ser Seus imitadores (1Co. 11.1).

- Por fim, devemos descansar em Deus, fortalecendo-nos no Senhor e na força do seu poder (Ef. 6.10), e na assistência incomparável do Consolador, o Espírito Santo de Deus (Rm. 8.26-27). Embora todos possam nos abandonar, Deus jamais nos abandona.

6) Exemplos bíblicos de pessoas abandonadas:

- Elias: é um excelente exemplo de pessoa que se sentiu abandonada por ser fiel. Mesmo diante de um ministério profícuo, tendo sozinho desafiado 850 profetas de Baal e de Asera e vencido, Elias se isolou, sentindo-se abandonado, chegando a pedir a morte, achando que estava só na luta em favor de Deus (1Rs. 19.10). Mas Deus lhe consola, cuida dele, fala com ele, demonstra-lhe Seu poder e lhe dá uma nova missão, alertando-o que Ele reservou 7.000 pessoas que, como ele, não dobraram seus joelhos perante Baal. Portanto, embora se sentindo abandonado, Deus não o abandonou e ainda lhe mostrou que ele tinha a companhia de muitos irmãos.

- Davi: é um exemplo de pessoa que se sentiu abandonada em razão de seus próprios erros. Embora sendo um fiel servo de Deus, como homem, Davi também pecou. E, em razão de seu pecado, sentiu-se abandonado por Deus, fruto da sua perda de comunhão com Ele. Convém notar que não foi Deus que o abandonou, mas ele que se sentiu abandonado, porque o pecado faz separação entre Deus e o homem (comparar com Adão e Eva, que, quando pecaram, envergonharam-se de comparecer à presença de Deus e se esconderam, embora Deus tivesse vindo encontrar com eles, como antes). No salmo 51, Davi suplica a Deus para que Ele não o lance fora de Sua presença (Sl. 51.11), no que foi atendido por Ele, tendo Deus o perdoado (2Sm. 12.13).

- Jesus: viveu em íntima comunhão com Deus durante toda a Sua vida terrena. Não obstante, nos momentos que antecederam a Sua morte, Jesus se sentiu abandonado, angustiado e triste (Mt. 26.38), e isto por causa dos nossos pecados, que já pesavam sobre Seus ombros. Nem mesmo os discípulos puderam acompanhá-lo nesse momento de sofrimento, chegando a dormir enquanto Ele agonizava. Após a Sua prisão, todos se dispersaram, exceto Pedro, que o acompanhou de longe, mas chegou a negá-Lo. Jesus chegou a clamar na cruz expressamente: “Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?” (Mc. 15.34). Não está dito que Deus realmente O tinha abandonado (embora alguns digam que Deus O abandonou por não suportar vê-lo carregando os nossos pecados), mas Ele se sentiu abandonado por Deus, por causa do pecado, que afasta os homens de Deus.

- Paulo: é outro exemplo de pessoa que se sentiu abandonada em razão de ser fiel; mas sobretudo é um exemplo de como deve se comportar o crente abandonado. Já perto do fim da sua vida, preso em Roma, Paulo reclama a Timóteo do abandono de seus irmãos mais próximos. O texto da leitura bíblica em classe (2Tm. 4.9-18) mostra claramente os sentimentos de tristeza e abandono que tomaram conta de Paulo nesse momento difícil.

- Paulo sabia que estava chegando perto do fim de sua vida, e pede a Timóteo que vá vê-lo depressa. Mais do que precisar da companhia de Timóteo, Paulo queria lhe ministrar um último ensinamento: mostrar a Timóteo como um cristão deveria morrer por sua fé.

- Em seguida, Paulo esclarece o porquê está sozinho: Demas o havia desamparado, amando as coisas do mundo; Crescente, Tito e Tíquico também estavam longe, provavelmente pregando o Evangelho; apenas Lucas tinha ficado com ele. E por isso Paulo pede a Timóteo que tome a Marcos e vá vê-lo (convém notar que este é o mesmo João Marcos, sobrinho de Barnabé, que Paulo recusou anos antes como companheiro, porque ele os tinha abandonado na viagem, mas agora ele era útil, e Paulo o reconheceu).

- Paulo relata a Timóteo o problema que teve com Alexandre, o latoeiro (provavelmente o mesmo blasfemador citado em 1Tm. 1.20), para que Timóteo se guarde dele (notar que a referência do v. 14 não é, como parece, uma oração imprecatória; Paulo apenas faz referência ao salmo 62, que fala em misericórdia, não em castigo ou vingança).

- Paulo termina o relato dizendo que ninguém o assistiu em sua defesa, mas ele sentiu a presença do Senhor o amparando.

7) O Deus que não abandona:

- Deus nunca desampara os justos (Sl. 37.25) e consola os abatidos (2Co. 7.6).

- Elias muito se angustiou por causa das perseguições de Jezabel (1Rs. 18.40; 19.1-3). Temendo por sua vida e achando que era o único em Israel que ainda servia a Deus, o profeta fugiu para o deserto, desejando profundamente a morte (1Rs. 19.4). Após caminhar 40 dias até Horebe, escondeu-se numa caverna (1Rs. 19.8). Mas Deus o animou, revelando-lhe que reservara 7.000 servos fieis como ele (1Rs. 19.14,18).

- Quantos crentes também não estão se sentindo sós como Elias, achando que não há mais ninguém fiel como eles, que estão lutando sozinhos? Mas o Senhor não nos desampara, fazendo-Se presente nas horas de aflição (Sl. 50.15).

- Abraão foi chamado de amigo de Deus (Tg. 2.23). Jesus chamou Seus discípulos de amigos, em lugar de servos (Jo. 15.15). Nós também temos esse privilégio. Ele é o amigo fiel, que não nos abandona na hora difícil.

- Na tempestade, Ele livrou os discípulos do naufrágio; multiplicou pães e peixes para suprir a necessidade da multidão; ressuscitou Seu amigo Lázaro (Mc. 4.35-41; Jo. 6.1-15; 11.11).

- Ao morrer em nosso lugar, Jesus ofereceu a maior prova de amor e lealdade que um amigo pode dar (Jo. 15.13). Cristo morreu na cruz do Calvário para que hoje tivéssemos direito à vida eterna. Para termos esse amigo fiel ao nosso lado, apenas precisamos aceitá-lo como salvador pessoal. Ele tomou sobre Si nossas enfermidades e nossas dores (Is. 53.4), inclusive as dores da discriminação e do abandono.

- Dias antes da Sua morte, Jesus assegurou aos discípulos que não os deixaria sozinhos, pois haveria de enviar-lhes o Consolador (Jo. 14.26). A promessa foi cumprida no dia de Pentecostes, quando os discípulos foram cheios do Espírito Santo e falaram em outras línguas (At. 2). Ele não abandona a Sua igreja. É o Espírito Santo que convence o homem do pecado, guiando-nos em todas as coisas. Por isso, quando o sentimento de abandono e solidão nos sobrevier, busquemos a Deus em oração e, assim, sentiremos a doce e confortável presença do Espírito Santo (Jo. 14.16-18; 16.13; Rm. 8.26-27).

- Portanto, ainda que a família e os amigos venham a abandonar-nos, Deus sempre nos acolherá. Ele está sempre ao nosso lado. O Seu Espírito nos orienta em todas as nossas provações. Portanto, recorramos a Ele em nossas necessidades.

- Por outro lado, não nos esqueçamos de socorrer os que se acham em lutas e tribulações. É o que nos recomenda a lei do amor que nos entregou o Senhor Jesus (“amai-vos uns aos outros” – Rm. 12.10; 1Pe. 1.22).

Texto da leitura bíblica em classe:

9 Procura vir ter comigo depressa.

- Estes versos finais (9-22) formam o clímax da carta de Paulo a Timóteo, as palavras particulares do apóstolo a um amigo íntimo. Ao preparar-se para o final de sua vida, fica claro que o grande apóstolo está sofrendo por causa da solidão. Ele compartilha a experiência de nosso Salvador ao sentir-se abandonado.

- Depois da declaração paulina de esperança e constância (2Tm. 4.7-8), somos trazidos de volta rapidamente a este mundo, a questões corriqueiras da vida diária, de natureza pessoal. Sua despedida eloquente e confiante foi proferida por meio de palavras imortais; e agora Paulo, subitamente, interessa-se pelos negócios imediatos da vida. A solidão, que ele pusera momentaneamente de lado, surge novamente. Lembra-se o apóstolo dos crentes fieis e dos infiéis; anela pela companhia de Timóteo na sua crise final na cidade de Roma; deseja que sua capa possa aquecê-lo na fria masmorra; deseja ler seus livros e manuscritos.

- É possível que Paulo, assim como Cristo, em seus últimos dias, tenha meditado no salmo 22, pois as semelhanças entre este texto e as suas palavras nesta seção são grandes. Compare-se Sl. 22.1,12 com os versículos 10 e 16 deste trecho; o Sl. 22.5 com os versículos 17 e 18; o Sl. 22.6,17,22,24,29 com o versículo 18; o Sl. 22.28 com o versículo 17.

- Seu primeiro pedido é que Timóteo faça o possível para vir rapidamente a Roma. Embora a morte de Paulo seja iminente, ele espera que a demora no sistema judicial romano permita um tempo suficiente para que Timóteo faça a viagem e partilhe com ele a comunhão pela última vez.

- Conforme comenta White, é como se Paulo tivesse dito: “Estou praticamente sozinho. Alguns de meus companheiros me têm abandonado; a outros tenho despachado no trabalho do evangelho. Traz Marcos contigo. Tenho aqui ocupação para ele”. É que se aproximava o momento da grande prova; aquele que tivera companheiros fieis durante todo o seu período de atividades evangelizadoras, agora rogava que alguns deles permanecessem a seu lado, porquanto sua morte se avizinhava.

- “Procura vir” no grego é *spoudadzo*, que significa “apressar-se”, “ser zeloso”, “fazer ingentes esforços”. Paulo teria de esperar bastante, porque Éfeso ficava bem distante de Roma. Mas Paulo como que exortava a Timóteo: “faz o que estiver ao teu alcance para chegares o mais cedo possível”. O versículo 21 deste capítulo insiste: “procura vir antes do inverno...”. Evidentemente o apóstolo previa que seu julgamento seria longo, de várias etapas, embora sentisse que, finalmente, isso o condenaria à morte.

- Foi um genuíno sentimento humano, no apóstolo, que despertou o seu desejo de ter os seus mais bem-amados amigos juntos a si, ao aproximar-se o seu último conflito. O próprio Senhor expressara, por igual modo, essa necessidade (Mt. 26.38).

- Paulo, aparentemente, queria ver Timóteo antes de morrer e tê-lo junto consigo na sua morte, até para que Timóteo soubesse como um cristão deveria morrer por sua fé.

10 Porque Demas me desamparou, amando o presente século, e foi para Tessalônica; Crescente, para a Galácia, Tito, para a Dalmácia.

- Demais anteriormente havia sido um ministro e companheiro de Paulo (Cl. 4.14; Fm. 24), sendo que eles se conheceram por ocasião da quarta viagem missionária de Paulo. Nesta hora, havia abandonado sua experiência com Cristo e voltado novamente ao mundo. Aqui está claro que ele apostatou, já que amava o presente século. Em outras palavras, Demas amava os valores e prazeres mundanos.

- De acordo com 1Jo. 2.15-17, qualquer pessoa que ame o mundo não possui o amor de Deus nele. Se o amor de Deus não está nele, não pode ser salvo (Jo. 13.35; 14.15,23; 15.9-12; 1Co. 16.22). Não é concebível que Deus leve para o céu pessoas que não o amem.

- Há duas maneiras de amar o mundo. Deus ama o mundo, por tê-lo criado e pelo que o mundo poderia vir a ser se fosse resgatado do mal, se a justiça fosse feita, os famintos fossem alimentados e as pessoas se amassem mutuamente. Outros, como Demais, amam o mundo como ele é; com todo o seu pecado e iniquidade, a riqueza, o poder, o prazer, ainda que possuir estas coisas possa significar ferir as pessoas e negligenciar a obra que Deus lhe deu a fazer.

- Se Demas uma vez amou a Deus, o que está claro em Fm. 24, como se tornou separado do amor de Deus (Rm. 8.35-39)? Deus era o responsável por ele amar o mundo e abandonar Paulo? Isto prova o livre-arbítrio após a conversão. Se temos o poder de fazer escolhas livremente, então podemos escolher apostatar e abandonar a Deus. Escolhemos o nosso destino após a salvação, assim como o escolhemos antes. Nenhum texto jamais sugere que Deus força alguém a servi-lo.

- Século, no original grego, é *aión*, usado também em Tt. 2.11.

- Crescente não é mencionado em nenhum outro ponto da Escritura. Ele e Tito abandonaram Paulo para prosseguir na obra de Cristo; não são condenados como apóstatas, como Demas.

- A Galácia ficava na Ásia Menor, atual Turquia.

- Dalmácia era o antigo Ilírico, atual região da Iugoslávia.

11 Só Lucas está comigo. Toma Marcos e traze-o contigo, porque me é muito útil para o ministério.

- Mencionar Demas, no versículo anterior, fez com que Paulo se lembrasse de seus cooperadores mais fieis.

- O Lucas aqui referido é o médico e evangelista, autor dos livros de Lucas e de Atos, companheiro de Paulo em suas viagens e sofrimentos.

- Marcos é João Marcos, sobrinho de Barnabé e autor do Evangelho que leva o seu nome. Depois de ter desistido de seguir Paulo quando jovem (At. 13.13), o que causou inclusive uma grande dissensão entre Paulo e Barnabé (At. 15.37-39), era agora um firme e fiel obreiro, o que foi reconhecido por Paulo (Cl. 4.10; Fm. 24).

- A expressão “Toma Marcos” faz presumir que Marcos não estava em Éfeso na companhia de Timóteo. Este, então, deveria passar onde Marcos estava (local não revelado) e trazê-lo consigo a Paulo.

- Embora não citado aqui, podemos inferir de 2Tm. 1.16-18 que também Onesíforo foi um dos que muito apoiaram Paulo em suas prisões. Embora aparentemente não fosse alguém de influência, que pudesse

livrar Paulo da prisão, nem alguém que tivesse conhecimento jurídico, para auxiliá-lo em sua defesa, nem mesmo alguém de posses, que pudesse contribuir em seu sustento material, ainda assim Paulo reconheceu publicamente a contribuição de Onesíforo no simples fato de recreá-lo, ou seja, dar-lhe apoio moral, fazer-lhe companhia.

12 Também envie Tíquico a Éfeso.

- Tíquico é mencionado em At. 20.4, como sendo da Ásia (que deve se referir à Ásia Menor, atual Turquia).

- Era um dos seus companheiros mais leais, fato este comprovado por suas frequentes referências nos escritos de Paulo. Ele foi o portador das cartas aos colossenses e aos efésios (Ef. 6.21; Cl. 4.7) e, possivelmente, também desta segunda carta de Paulo a Timóteo.

- É possível que Paulo tenha enviado Tíquico a Éfeso para substituir Timóteo enquanto este iria a Roma ver Paulo, como já tinha feito com o mesmo Tíquico em relação a Tito (Tt. 3.12), embora o tempo verbal no passado aqui empregado também possa sugerir que Paulo já tivesse enviado Tíquico a Éfeso antes de escrever a presente carta a Timóteo.

13 Quando vieres, traze a capa que deixei em Trôade, em casa de Carpo, e os livros, principalmente os pergaminhos.

- O triplo pedido de Paulo a Timóteo oferece uma ideia de sua condição presente e de seus interesses pessoais.

- A prisão de Paulo provavelmente aconteceu tão de repente, que o apóstolo não pôde retornar à sua casa para buscar seus pertences pessoais. Por estar preso em uma masmorra úmida e fria, Paulo pediu a Timóteo que trouxesse sua capa.

- Parece que o apóstolo foi preso em Mileto (2Tm. 4.20), em viagem a Nicápolis através de Corinto, ou em Trôade, onde deixou sua capa na casa de Carpo. O apóstolo esperava que Timóteo seguisse a mesma rota que seguiu de Éfeso a Roma, pedindo-lhe então que trouxesse a sua capa.

- A palavra “capa”, no grego, é *phailones*, usada apenas neste texto, podendo significar tanto uma capa de viagem para proteção contra o tempo, como uma sacola de viagem. A de Paulo era, provavelmente um grande artigo de vestuário, pesado, sem mangas, de lã, em formato circular com uma abertura no centro para a cabeça. Protegia da chuva e do frio, especialmente durante as viagens.

- Esta capa quente seria uma bênção no inverno que se aproximava, o que pode indicar que o lugar onde Paulo estava preso era uma fria masmorra.

- Além disso, Paulo queria seus livros, especialmente os pergaminhos. Não se sabe exatamente a que tipo de livros Paulo se refere aqui, mas os livros eram os rolos de papiro. Eram um material barato, feito de um tipo de cana e usado para propósitos gerais. Poderiam se referir a uma coleção pessoal de Paulo de livros bíblicos, ou talvez até mesmo seu estoque de papiro para continuar sua correspondência com as igrejas.

- Os pergaminhos, ou códices de pergaminho, eram livros formados por folhas ou por partes presas nas extremidades. Eram um material caro, feito de peles de animais, muito duráveis, e reservados para documentos importantes. Aqui devem ser da Torá, ou uma cópia da Septuaginta, mas também poderiam

incluir os Evangelhos, cópias de suas próprias cartas, ou outros documentos importantes, até mesmo documentos legais, como seu certificado de cidadania romana.

- Em meio à solidão e ao desconforto enfrentados por Paulo, ele aparentemente planejou obter forças meditando na Palavra de Deus, e talvez desejasse até mesmo continuar a fortalecer os demais cristãos, através de seus escritos.

14 Alexandre, o latoeiro, causou-me muitos males; o Senhor lhe pague segundo as suas obras.

- O Alexandre aqui referido é, provavelmente, o mesmo de 1Tm. 1.20, citado como blasfemador junto com Himeneu. Pode também ter sido uma testemunha contra Paulo em seu julgamento ou, como alguns dizem, quem prendeu Paulo. Ou ainda o judeu que tentou acalmar a revolta em Éfeso (At. 19.33-34). Talvez tenha ele procurado se vingar de Paulo.

- Talvez a lembrança da capa que deixou em Trôade tenha feito Paulo se lembrar de sua prisão, e conseqüentemente de Alexandre.

- A parte final deste versículo é uma referência à lei da sementeira (Gl. 6.7-8). Paulo cita as palavras do Salmo 62: “retribuirás a cada um segundo a sua obra” (Sl. 62.12). É de se notar que o contexto deste salmo fala em misericórdia, não em vingança. Assim, ao contrário de uma imprecação de Paulo contra Alexandre, este texto pode estar lhe invocando um pedido a Deus de misericórdia em seu favor.

15 Tu, guarda-te também dele, porque resistiu muito às nossas palavras.

- Isto sugere que Alexandre se opôs ao Evangelho.

16 Ninguém me assistiu na minha primeira defesa; antes, todos me desampararam. Que isto lhes não seja imputado.

- Paulo pode aqui referir-se a alguma defesa do Evangelho que fez (v. 17), ou à sua primeira defesa perante Nero, sendo esta segunda hipótese mais provável. Era, provavelmente, a *prima actio* romana, semelhante a uma audiência do grande júri, ou uma audiência preliminar ante o imperador ou um magistrado.

- Por causa da perseguição severa contra os cristãos em Roma, ninguém ousava identificar-se com o apóstolo, que com valor defendia o Evangelho. Paulo ficou profundamente decepcionado e sentiu-se abandonado. Em tais ocasiões, contudo, sentia a presença muito real do Senhor, que estava ao seu lado e o fortalecia (v. 17; At. 23.11; 27.23; Rm. 4.20; 2Co. 1.3-5; Ef. 6.10; Fp. 4.13).

- Embora Paulo tenha ficado só, oferece o perdão a todos aqueles que o abandonaram, pedindo a Deus que isto não lhes seja imputado, à semelhança do que fez Jesus na cruz (Lc. 23.34).

- Paulo se recusou a ficar amargurado por esta experiência. Sua oração pelos que o abandonaram é quase idêntica à de Estevão por seus assassinos (At. 7.60).

17 Mas o Senhor assistiu-me e fortaleceu-me, para que, por mim, fosse cumprida a pregação e todos os gentios a ouvissem; e fiquei livre da boca do leão.

- Embora nenhum homem tenha permanecido com Paulo, o Senhor permaneceu e lhe deu livramento e fortalecimento, abençoando seu ministério entre os gentios.
- Com seu mentor na prisão e sua igreja em turbulência, provavelmente Timóteo estivesse desencorajado. Paulo pode ter sutilmente dito a Timóteo que o Senhor o chamou para pregar, encorajando-o, desta forma, a continuar.
- Deus sempre nos dá forças para fazer o que Ele mandou. Porém, esta força pode não ser evidente até que, pela fé, comecemos realmente a realizar a tarefa.
- Assim como já tinha feito perante Félix, Festo, Agripa e Berenice (At. 24 e 25), Paulo mais uma vez usou o seu julgamento como uma oportunidade para dar testemunho a respeito de Cristo. Cumpriu-se, assim o que Jesus disse a respeito de Paulo a Ananias: “este é para mim um vaso escolhido para levar o meu nome diante dos gentios, e dos reis, e dos filhos de Israel” (At. 9.15).
- A referência à boca do leão pode significar que Paulo reivindicou seu direito como cidadão romano, para não enfrentar a morte com os leões no anfiteatro, ou pode ter um sentido figurado de uma libertação de algum grande perigo. Pode, portanto, referir-se a Nero, a Satanás ou à própria morte. O salmo 22 expressamente diz: "Salva-me da boca do leão" (Sl. 22.21). Aliás, todo esse salmo 22 tem contexto bastante semelhante ao enfrentado por Paulo aqui.
- Ficar livre da boca do leão foi um triunfo interior e espiritual em toda essa dificuldade que os lacaios de Satanás puderam lhe causar.

18 E o Senhor me livrará de toda má obra e guardar-me-á para o seu Reino celestial; a quem seja glória para todo o sempre. Amém!

- Aqui Paulo estava afirmando sua convicção na vida eterna após a morte. Paulo sabia que o seu fim nesta terra se aproximava, e estava pronto para partir. Ele permaneceu confiante no poder de Deus, mesmo ao enfrentar a morte. Qualquer pessoa que estiver enfrentando uma luta de vida ou morte pode ser confortada ao saber que Deus levará cada crente a salvo e em segurança, através da morte, para o seu Reino celestial.
- O recente livramento (vv. 16 e 17) faz com que Paulo se lembre da fidelidade de Deus, que sem dúvida nunca falha, e que sempre o salvará “para o seu Reino celestial”. Mais uma vez o enfoque desta carta de Paulo a Timóteo está na escatologia, na forma de uma das certezas triunfantes de Paulo: o apóstolo verá, por meio da consumação final, aquilo que Deus já realizou em Cristo; o Senhor realmente completará a salvação que Ele mesmo iniciou.
- E esta verdade pede palavras de glorificação a Deus em forma de doxologia: “a quem seja glória para todo o sempre. Amém”. Apesar da realidade de sua terrível situação presente, o apóstolo olha em direção àquEle que é maior! Deus é a sua glória e aquEle que levanta a sua cabeça.

Referências bibliográficas:

- Bíblia Apologética de Estudo. 2ª. edição. Editora ICP, 2006.
- **Bíblia de Estudo Aplicação Pessoal.** Editora CPAD, 2003.
- CARVALHO NETO, Inacio de. **As dores do abandono.** Subsídio em vídeo publicado no site <http://www.assembleiadedeus.org.br/>.

- CHAMPLIN, Russell Norman, Ph.D. **O Novo Testamento interpretado versículo por versículo**, v. 4. Editora Hagnos, 2002.
- COELHO, Alexandre; DANIEL, Silas. **Vencendo as aflições da vida**. Editora CPAD, 2012.
- DAKE, Finis Jennings. **Bíblia de Estudo Dake**. Editoras CPAD e Atos, 2009.
- FRANÇA, Jeferson. **As dores do abandono**. Subsídio em vídeo publicado no site <http://www.adlondrina.com.br/>.
- FRANCISCO, Caramuru Afonso. **As dores do abandono**. Subsídio publicado no site <http://www.portalebd.org.br/>.
- GILL, Deborah Menken. **Comentário bíblico pentecostal: novo testamento**, v. 2. 4ª. edição. Editora CPAD, 2009.
- **Novo Testamento trilingue: grego, português e inglês**. Editora Vida Nova.
- SILVA, Eliezer de Lira e. **Lições bíblicas: vencendo as aflições da vida – muitas são as aflições do justo, mas o Senhor o livra de todas**. Editora CPAD, 2012.
- STAMPS, Donald C. **Bíblia de Estudo Pentecostal**. Editora CPAD, 2005.